

CONSTRUINDO O MUNDO ¹

Edward Vacek, sj ²

A tradição católica considerava, em geral, a contemplação como a mais elevada actividade humana. O trabalho tinha um *status* muito inferior e tinha que ver principalmente com actividades de manutenção destinadas a prover às necessidades do dia a dia até chegarmos ao momento verdadeiramente crucial da vida, isto é, à morte. Contrariando esta visão, Teilhard defendia que o trabalho que fazemos ao longo das nossas vidas, no sentido de tornar o mundo melhor, é o exercício supremo do Cristianismo. A ética da nossa vida é uma actividade produtiva. Uma vez que Deus se envolveu na evolução, o nosso amor a Deus requer que cooperemos com a Sua actividade de construção do mundo.³ Esta actividade ética de construção do mundo é, ela própria, um imperativo da graça, uma vez que nela nos encontramos unidos a Deus. Não há necessidade duma esfera separada, designada “supranatural”.⁴ Numa espiritualidade antiquada, o sobrenatural era procurado através de certas práticas, como receber os sacramentos ou rezando novenas. A vida, nesta esfera sobrenatural, destinava-se à construção da alma e o que quer que fizéssemos no nosso dia a dia não tinha relevância religiosa. Como exemplo da velha espiritualidade, se fossemos obedientes e regássemos uma estaca seca, isso seria o mesmo que plantar uma árvore que produzisse fruto. Era a nossa obediência e não o que realizássemos, que tinha importância religiosa. As nossas intenções é que decidiam sobre céu e inferno; e era o céu ou o inferno o que interessava, não a terra. Para Teilhard, em vez disso, dado que Deus está activamente a construir o mundo, o importante, na dimensão religiosa, é que nós cooperemos nesse projecto. Os agnósticos cooperam sem saber; os crentes, num acto de adoração. Para ambos, “a influência vital organizadora do universo é essencialmente a graça”.⁵

Embora continuando a usar a palavra «sobrenatural», Teilhard fá-lo em tímidas citações. Efectivamente, a linguagem do sobrenatural, tal como a do pecado original, torna-se supérflua ou mesmo contraprodutiva. Pecado Original implica que tivesse havido um estado humano perfeito do qual tivéssemos decaído, enquanto que a evolução foi, de facto e por todo o lado, uma via de progresso em direcção a um mítico Jardim do Éden, não de afastamento deste. Do mesmo modo, sobrenatural parece implicar que Deus não se envolve no processo natural da evolução e que intervém ocasionalmente. Em vez disso, o convite atractivo de Deus esteve presente desde o início, conduzindo a criação pelo processo natural de continuidade e descontinuidade. À luz da evolução, se queremos compreender os humanos, temos primeiro que estudar a actividade dos animais. À luz do Cristianismo, se queremos compreender Deus, temos que estudar a actividade dos homens bons. A actividade de Deus está presente sempre que os humanos adiram ao compromisso de aperfeiçoarem o mundo. Santificação, para Teilhard, significa participar voluntariamente nesta corrente de vida que ascende para a completude. Completude é um termo relacional, significando ser incorporado no mundo de Deus em evolução. Tal como escreve Teilhard, “Espiritualizamo-nos ao sermos arrastados pela espiritualização das coisas. Estamos unidos a Cristo ao entrarmos em comunhão com todos os homens. A opção que nos salva é a escolha do todo”.⁶

¹ Extraído do ensaio “An evolving Christian morality”, de Edward Vacek sj, incluído na obra “From Teilhard to Omega”, Orbis Books, New York 2013, edição de **Ilia Delio**, tradução da responsabilidade da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal, 2015

² Professor da Cátedra Stephen Duffy de Teologia Sistemática no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade Loyola, New Orleans. Ex professor da Weston Jesuit School of Theology e do Boston College. Autor da obra “Love, Human and Divine.

³ Obras de Teilhard citadas: Meio Divino, Hino do Universo

⁴ Ciência e Cristo, Meio Divino, Activação da Energia

⁵ Ciência e Cristo, Meio Divino

⁶ Ciência e Cristo

É por esta sua ênfase no todo que Teilhard se tornou precursor das correntes éticas dominantes nos nossos dias. Globalização, solidariedade, ecologia, bem comum, são palavras na ordem do dia. Cada um destes termos – diferentemente do que acontece com as expressões mandamentos divinos, lei natural ou direitos humanos – é muito claro ao afirmar que a acção ética tem a ver com a construção de comunidades, de toda a espécie humana e da própria Terra. Teilhard promoveu um “sentido” do humano. O termo sentido refere-se a um sentimento de que nós já pertencemos a esses grupos e que, através das nossas acções, podemos promover ou retardar o seu florescimento. Promovemos esses grupos não apenas porque, ao fazê-lo, estamos a ajudar o acabamento da nossa própria natureza humana, mas porque fazem parte da criação em evolução. Nesta perspectiva, podem inclusivamente ser merecedores de que nos percamos ou morramos por eles.

Devemos exercitar a nossa criatividade se queremos que Deus atinja aquilo que é Sua intenção. Sem o nosso esforço, Deus não conseguirá fazer com que «venha a nós o Seu Reino». Isto é um ponto crucial e, evidentemente, controverso. Quer digamos, como aqueles que propõem uma Cristologia kenótica, que Deus escolhe prescindir dos seus atributos divinos e não intervir no mundo, ou que, na linha de pensamento de Teilhard, a actividade criadora só pode ser realizada com o concurso das criaturas e não por Deus independentemente dessas criaturas, o resultado é o mesmo: a actividade humana é necessária para a construção do mundo. Não há mesa sem carpinteiro. Sem os seres humanos, Deus não pode executar o que Deus quer executar.⁷

A ideia pode ser alargada. Deus precisa do labor humano não apenas para construir arranha-céus e perfurar poços de petróleo. Deus também planeia connosco. Isto é, Deus recolhe os nossos pensamentos e afectos e, por isso, depende deles para conjecturar como construir a Terra.⁸ Dito numa forma mais incisiva, a vontade de Deus não é um plano prévio que nós tenhamos de descobrir, antes é um plano a ser cocriado através do exercício das nossas mentes e dos nossos corações. Discernir a vontade de Deus requer essencialmente pensarmos os melhores pensamentos. Deus fala-nos pela nossa própria voz. Nas coisas que correm de feição, os nossos pensamentos são os pensamentos de Deus e as nossas escolhas são as escolhas de Deus. Esta afirmação não é tão surpreendente como pode parecer à primeira vista. Sempre foi sustentado, como é evidente, que nada podemos fazer sem Deus. Tal como Teilhard fez notar uma vez, nós somos causas segundas dependendo de Deus como causa primeira.⁹ Mais ainda, não nos podemos salvar a nós próprios. Mas o que não se diz usualmente, talvez por reverência para com a primazia de Deus, é que Deus não pode salvar-nos sem a nossa própria actividade. A nossa recusa em cooperar com Deus é o que pecado quer dizer. A menos que a salvação seja entendida apenas juridicamente – o juiz pronuncia-nos inocentes, quer o sejamos ou não – temos que cooperar em liberdade com a nossa própria salvação.¹⁰ Ser salvo é amar a Deus, e não podemos amar Deus sem vontade. A nossa cooperação com vontade é a nossa salvação.

[Na conclusão do ensaio:]

Em conclusão, o grande quadro traçado pela descoberta da evolução constitui um desafio enorme para a ética cristã. Teilhard atreveu-se a enfrentar esse desafio. Viu como a evolução alterou o significado do que fazemos. A síntese cósmica de Teilhard propõe uma resposta empolgante às descobertas científicas que ainda nos deixam perplexos e que esperam por uma reavaliação no sentido profundo do Cristianismo. A sua abordagem mostra que a nossa ética normal de vida é cristã, que a autonomia individual se desenvolve tal como se desenvolve a história humana, que o amor conduz não apenas à união mas também à criatividade cooperante e que, para além da auto-completude, somos responsáveis pela construção tanto do mundo como de Deus na eternidade.

⁷ *Cristianismo e Evolução, Meio Divino*

⁸ *Cristianismo e Evolução*

⁹ *Cristianismo e Evolução*

¹⁰ *Meio Divino, Cristianismo e Evolução*